



»CB.PODER | Com os candidatos que participaram do debate

Os seis participantes avaliam desempenho em entrevista aos jornalistas Lucas Móbile e Ana Maria Campos

Campanha deve esquentar

Longo após a transmissão do debate promovido pelo **Correio Braziliense** e pela TV Brasília, na noite de ontem, os seis candidatos ao Governo do Distrito Federal foram entrevistados pelos jornalistas Lucas Móbile e Ana Maria

Campos, em uma edição especial do CB.Poder. Cada um teve cinco minutos para repercutir a participação no evento.

A candidata à reeleição Celina Leão (PP) exaltou o que fez nos últimos quatro meses e disse que “a população não é boba”, ao

comentar os ataques que recebeu dos demais candidatos.

Leandro Grass (PT) rebateu Celina sobre a lei sancionada pelo presidente Lula, afirmando que não haverá redução do Fundo Constitucional do DF.

O candidato José Roberto

Arruda (PSD) afirmou que, se eleito, fará uma posse coletiva e respondeu sobre as acusações de que está inelegível.

A quarta candidata a dar entrevista foi Paula Belmonte (PSDB), que afirmou que o debate foi uma chance de se apresentar ao eleitor

e apresentar suas propostas. Em seguida, falou Ricardo Cappelli (PSB). Ele respondeu às provocações trocadas no palco, comentou as frentes de aliança para um eventual segundo turno e reafirmou seu perfil de renovação na política local.

Por último, foi entrevistado o candidato ao GDF pelo Novo, Kiko Caputo. Ele parabenizou a iniciativa do jornal em parceria com a TV, disse que participa de uma luta desigual, mas que não faz parte da “velha política”. Confira os principais trechos.

Celina Leão: “A população não é boba”

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

Como a senhora enxerga a estratégia de seus adversários de atacar sua gestão?

Não está dando certo. Fizeram isso várias outras vezes. Usam as redes sociais deles o tempo todo para o ataque. Não trazem propostas e não fazem nada para melhorar os problemas do Distrito Federal. A população quer quem trabalhe de verdade. É o que eu tenho feito nesses cinco meses. Não chego no meu programa eleitoral falando de promessas. Tenho uma gestão exitosa. Peguei graves problemas e os enfrentei. Estou entregando ações que eles nunca fizeram.

A senhora chamou Ricardo Capelli (PSB) de “bobo da corte”. Decidiu partir para a ofensiva?

Capelli dissimula. Nas redes sociais, ele me ataca de forma muito grave. É mentira o que ele falou. Ganhnei na Justiça contra ele sobre violência de gênero, aquela em que você coloca a mulher em situação, às vezes, de submissão. É muito engraçado ele chegar aqui e se fazer de bom



moço. Faz três anos que ele me ataca. Ele passou três anos na Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI). Os 10 piores anos da indústria foram agora. Se você olhar o Instagram dele, ele não trabalhou. Ele fez campanha com o dinheiro público do governo federal.

Percebeu que alguns candidatos se uniram durante o debate?

A população não é boba. Ela sabe o que está dando certo. Sabe que, no governo de José Roberto Arruda (PSD), os ônibus eram sucateados.

Não tinha um com ar-condicionado. Ele nunca resolveu as filas da saúde, o PT também não, nem o ex-governador Rodrigo Rollemberg. Ninguém resolveu o problema das pessoas em situação de rua. Ninguém ocupou o Centrad, o que vamos fazer dia 4 de setembro. O ataque feito a nós é pessoal. Tenho história nessa cidade.

Arruda disse que o vice da senhora, Gustavo Rocha (Republicanos), está trabalhando para viabilizar a inelegibilidade dele. Isso realmente ocorre?

A inelegibilidade de Arruda tem precedentes jurídicos muito fortes. Ele está inelegível há 16 anos. Não é culpa do Gustavo Rocha nem minha.

O que a senhora tem a dizer em relação às empresas de ônibus e à tarifa zero?

Sou a única governadora que proibiu o subsídio, que foi criado no governo de Agnelo Queiroz. Sobre o embrião de gado, fiz uma compra pública em consórcio. Não é crime.

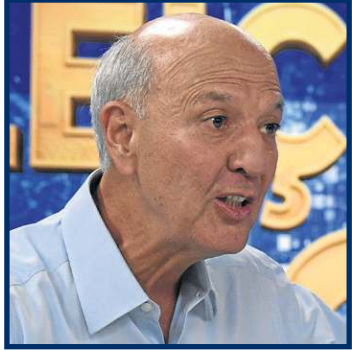
Arruda: “Tenho muitas prioridades”

Qual foi a estratégia adotada no debate?

Sem estratégia. Eu danço de acordo com a música. Estou numa fase da vida muito leve, sabe? Muita responsabilidade. Acho que Brasília vive um péssimo momento e precisa ser resgatada. Quando o avião está caindo, o piloto tem que ser experiente, senão acaba de cair. Precisa ter experiência para botar esse avião outra vez na altura correta e poder pousar em paz. Nós somos hoje o último lugar do Ideb, a saúde pública destruída, o banco assaltado à luz do dia. É de dar vergonha o que está acontecendo.

Só Celina focou críticas ao seu governo passado. Isso se deve à superioridade da sua gestão ou ao fato de eles acreditarem que o senhor não participará da campanha?

Meu governo tinha 88% de aprovação. Em três anos, a gente fez 200 escolas de educação integral, Metrô de Ceilândia, hospital, EPTG. As pessoas guardam isso. Às vezes,



eu encontro na rua uma pessoa mais jovem que diz: “você quer tirar uma fotografia com meu filho?” ou “a minha avó te adora!” As pessoas lembram.

Considerando que a pesquisa indica um segundo turno entre o senhor e a governadora, a centralização dos ataques dela seria uma reação à sua posição nas intenções de voto?

Não, eu acho que ela tem medo de voto. Ela e o Gustavo estão agindo politicamente para me tirar no

tapetão, mas eu confio na Justiça e confio plenamente no meu direito de ser candidato. Se, por acaso, as previsões do Gustavo Rocha — que recebeu R\$ 6 milhões do (Daniel) Vitorcaro — se confirmarem, no mesmo dia eu vou ao TSE. Eu vou lutar até o fim, tenho couro grosso.

Caso o senhor seja eleito, qual vai ser a sua prioridade?

São muitas. Minha posse será coletiva. Tomarão posse comigo os 3.300 professores concursados e todos os médicos e enfermeiros concursados. Essa é uma emergência de Brasília. Nós precisamos botar professores concursados na sala de aula como primeiro passo, para depois ter educação integral e voltar a ter uma educação de qualidade. E a gente depois tem que botar médico e servidor na saúde correndo, porque senão as pessoas continuam morrendo. Hoje, nós não temos um governo em Brasília, nós temos uma máquina pública a serviço de uma campanha política.

Ricardo Cappelli: “Não sou da panelinha”

Hoje o senhor foi chamado de “bobo da corte” em relação ao 8 de Janeiro. O que o senhor tem para falar sobre isso?

A governadora resolveu me atacar, porque eu a convidei para andar de ônibus. O meu convite é para ela compreender a dor, o sofrimento de quem está levando 2h, 2h30, todo dia, para sair de casa e chegar ao trabalho, e depois 2h30 para sair do trabalho e chegar em casa. Eu estou fazendo isso há 18 meses. Dormindo na casa das pessoas, uma semana por mês em cada cidade, andando de transporte público. Eu a convidei para fazer isso comigo; ela se irritou e resolveu me agredir. É lamentável.

Ela citou também que ganhou uma ação contra o senhor por uma questão de gênero. Teve isso? O senhor foi condenado?

Veja, eu ganhei todas as ações na Justiça. Isso não existiu. Ela mentiu. Inclusive, eu ganhei direito de resposta em função das agressões dela. Ao invés de agredir, o que a



governadora tem que responder é: cadê o dinheiro da saúde? É o maior orçamento do Brasil, mais de R\$ 1 bilhão por mês. Eu cheguei na UPA do Paranoá e não tinha fio de sutura. Faltam mais de 5 mil médicos, mas eu vou resolver isso com o programa Fila Zero na saúde. Nós vamos contratar os médicos que estão faltando, os enfermeiros, os técnicos de enfermagem. Não falta dinheiro. Se parar de roubar, se parar de desviar dinheiro, vai sobrar dinheiro na saúde. Tem 30 mil pessoas aguardando para fazer uma cirurgia.

Os cinco candidatos concentraram as críticas ao governo atual. Essa afinidade pode levar a uma união em um eventual segundo turno?

Eu acredito nisso. Olha a situação do Distrito Federal. Educação: nós somos o último lugar do Brasil em qualidade de educação, 27º lugar. Saúde: a pior saúde do Brasil, 1 milhão de consultas e exames na fila. Quem tá falando não é o Cappelli, é o painel de transparência do Ministério Público. Eles quebraram o BRB. Envolveram o BRB na maior roubalheira da história do sistema financeiro nacional. E eles querem continuar? Então, acho natural que todos, num eventual segundo turno, se unam para tirar do poder o governo Celina/Ibaneis.

O senhor fala em “panelinha”. Que panelinha é essa?

Falo isso para deixar claro que eu nunca fui candidato a nada no DF. Não faço parte dessa panelinha política que está aí há muitos anos quebrando o DF.

Leandro Grass: “Há diversos caminhos”

Qual é a sua avaliação sobre o debate? A estratégia é criticar o atual governo?

Se a Celina e o Ibaneis tivessem governado direito, ninguém seria candidato. A gente não está aqui para fazer igual a eles. A saúde está horrível, com o maior tempo de espera para fazer cirurgia; está em último lugar no Ideb; aumentou a violência, latrocínio, feminicídio, roubo e furto; aumentou a pobreza e a desigualdade. É um governo catastrófico, o pior do Distrito Federal.

Como enxerga o artigo da lei sancionada pelo presidente Lula que trata sobre combustíveis e acaba interferindo na atualização do Fundo Constitucional?

Antigamente, falávamos que contra fatos não há argumentos. Hoje em dia, falamos que, contra as narrativas, não há fatos. A Celina criou uma narrativa falsa. Esse projeto de lei não cita em nenhuma linha o Fundo Constitucional.



Ele fala de uma fórmula de correção desse percentual de combustível sobre todos os fundos do Brasil, fala de forma geral e inclui o Fundo Constitucional. Há diversos caminhos para corrigir isso. O presidente Lula não destruiu o Fundo Constitucional. É inacreditável que a Celina e o Ibaneis tenham quase o dobro do fundo que o Bolsonaro transferia para Brasília, saindo de R\$ 16 bilhões para R\$ 28 bilhões e entregando essa tragédia. Claro que, quando um governo recebe um

montante deste tamanho e entregue essa porcaria de gestão de saúde, educação e segurança, passa a ser questionado. Ganhando a eleição, iremos sentar com o presidente Lula para conversar e mostrar como é o nosso planejamento e que esse dinheiro vai ser muito bem aplicado.

O senhor demonstra no seu plano de governo de onde vai tirar os recursos para colocar as propostas em prática?

Nós especificamos cada medida, de forma orçamentária, de onde virá e como vai ser feito.

Qual é a solução para o BRB?

A solução passa por transparência e credibilidade. Sem a publicação de balanço e auditoria, não tem salvação. Com Celina, o BRB vai ser privatizado, ou vai ser liquidado. Ela está enrolando os empregados e a população. Nos últimos dias, o BRB teve parte da dívida negociada com o BTG Pactual.

Paula Belmonte: “Quero defender o Brasil”

Qual a importância dos debates para a população?

É uma oportunidade para apresentarmos o plano de governo e nos apresentarmos para os eleitores. Trazer um debate para esse lugar com referência traz seriedade e compromisso de conhecermos mais a população.

Embora a senhora esteja no seu segundo mandato parlamentar, as pessoas não estão tão sintonizadas com a política. É um desafio?

As pessoas estão avessas à política, principalmente no DF, porque estamos sempre nas páginas policiais. Não vim de família política e não tenho contaminação da velha política. Entrei porque quero defender o Brasil. Sou mãe de seis filhos, tenho 53 anos e entrei para a política porque, infelizmente, perdi um filho com 2 anos, e isso me trouxe para defender nossas crianças. Ao chegar no Congresso Nacional, percebi que só conseguimos defender se o pai e a mãe estiverem empregados. Precisamos



desenvolver empregabilidade e dignidade para as pessoas. Em Brasília, temos mais de 400 mil desempregados. São famílias que as pessoas não têm emprego formal e, muitas vezes, sem qualificação. Vamos defender que as pessoas consigam emprego, que possam ter qualificação, que possam ser atendidas nos hospitais e com uma educação de qualidade.

Sente que no seu embate com a governadora, tem um duelo diferente, com tom irônico. Esse é um discurso que vai prevalecer?

Como mulher, tenho que defender todas as mulheres para que possamos estar a lugares de liderança. Hoje, temos uma evasão escolar das crianças no ensino médio muito grande, principalmente de meninas. Quero me apresentar respeitando o espaço de cada mulher. É importante chegarmos em lugares de liderança, que possamos fazer política pública, mas é lamentável termos essa oportunidade e não falar a verdade para a população. Fico triste em ver uma mulher tendo essa oportunidade e não cuidando real da população. Hoje, a governadora fala que está só há quatro meses no governo. Isso não é verdade. Estamos mostrando que a Celina está há oito anos nesse governo, e eu pergunto: onde estava a bota, que ela estava encostada. Tem pessoas morrendo no hospital e ficam colocando mascote na rua? É importante não fazer a população de boba. Não precisamos de mascote. Precisamos de boa gestão, de combate a corrupção, de cuidado com as pessoas.

Kiko Caputo: “Choque de honestidade”

Como avalia o debate e seu desempenho?

Quero parabenizar a iniciativa, porque essa é uma forma de demonstrar apreço pelo público, porque você permite que ele faça uma escolha livre e consciente. É essa é uma disputa muito desigual, eu sou de um partido pequeno, não tenho tempo de TV, Fundo Partidário, então fica uma luta muito desigual. Essa é uma oportunidade extraordinária para nós, mas principalmente, para o público. O que a gente viu ali é uma velha política que estava brigando, tentando se justificar porque nos últimos 20 anos o Distrito Federal não deu certo. Eu só estou na política — essa é minha primeira eleição — exatamente porque a velha política não resolveu os problemas do Distrito Federal.

Além do senhor, a Paula Belmonte e o Cappelli são candidatos que pregam também uma renovação. Você acha que



não vai confundir o eleitor?

Eu acho que não, porque se o eleitor pesquisar, vai ver que o PSDB já governou Brasília com a Maria Abadia; o PSB governou agora, recente, com o deputado Rodrigo Rollemberg; a única novidade, mudança real, o único candidato de direita que a gente tem nesse pleito sou eu, com um partido que nunca governou o DF e que tem no DNA a gestão.

Em todos os debates, o tema BRB, Fundo Constitucional e a saúde predominam.

O caso do BRB é uma demonstração de que a gente precisa dar um choque de honestidade aqui no DF. Ninguém aguenta mais. A gente preparou o plano de governo mais extraordinário desde a construção do DF. Um plano robusto que não está preocupado com as próximas eleições, a gente não cuida só dos próximos 4 anos, a gente aponta um norte para o DF para os próximos 30 anos. Aquilo ali, se executado, vai nos colocar de novo na vanguarda. O DF vai voltar para aquele patamar do qual nunca deveria ter saído.

O candidato à Presidência do seu partido, Romeu Zema, e seu candidato ao Senado são muito críticos em relação à atuação do STF. Hoje, a gente teve um dia quente, parecia que ia desmornar o STF. Queria uma avaliação sua sobre isso.

Tem que pegar fogo. Ninguém imaginava que, além dos erros judiciais e jurídicos, tinha por trás uma grande trama contra o povo brasileiro.